

ENVELHECIMENTO E MOVIMENTOS SOCIAIS CAMPO CIDADE

Katiane Machado da Silva¹ UFRGS/RS
CAPES/REUNI

Eixo 8 - Contribuições dos Movimentos Sociais para a educação dos trabalhadores: crianças, jovens, adultos e idosos (espaços formais e não formais).

RESUMO: Este artigo é fruto de duas pesquisas, meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e de meu Mestrado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e também, de uma prática social desenvolvida pela pesquisadora nos Movimentos dos Trabalhadores/as Desempregados/as (MTD) durante seis anos. Este texto nasce de uma necessidade estudar/pesquisar a formação dos idosos/as dos Movimentos Sociais do Campo Cidade. O que me moveu a fazer este artigo foi a possibilidade de dar visibilidade aos idosos/as dos Movimentos Sociais do Campo Cidade. O objetivo é entender que práticas educativas formam os idosos/as do campo cidade. Esta questão do envelhecimento no MST e MTD aparece dentro do contexto que se insere na sociedade atual. Em ambos, a questão surge a partir de uma necessidade concreta que vem se constituindo em nosso meio. Trata-se de um estudo de caso de natureza qualitativa. Foram realizadas entrevistas semi - estruturadas, sete na Dissertação e uma no TCC e observações da vida cotidiana dos sujeitos do MTD. O foco desse trabalho está voltado para as categoria analítica de “luta social”. Uma análise dos dados demonstra que todos os sujeitos participaram ativamente da construção do Movimento. Atualmente, há uma diminuição da participação desses idosos/as e com o passar do tempo estes não se envolvem mais ativamente nas lutas clássicas dos Movimentos Sociais do campo cidade, vivendo certo conflito interno entre a exigência de um movimento contínuo colocado pelo MST e MTD e a percepção das suas limitações próprias pela idade e saúde, mas também por encontrar pouco espaço de atuação no próprio Movimento. Desta forma, o envelhecimento também no campo cidade coloca o desafio para o MST e MTD de encontrar espaços adequados para seus membros idosos de continuarem na luta.

Palavras-chave: Educação; Envelhecimento; Movimentos Sociais Campo Cidade; MST, MTD.

Introdução

Este artigo é fruto de duas pesquisas, do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Pedagogia da Terra² e do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) na Faculdade de Educação, na Linha de Pesquisa Trabalho, Movimentos Sociais e Educação, com o eixo de pesquisa Trabalho e Envelhecimento e uma

¹ Ms Katiane Machado Silva, Pedagoga. Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob a orientação da Profa. Dra. Carmen Lucia Bezerra Machado. E-mail: rosagramsci@gmail.com

² Curso de Pedagogia da Terra é um curso que iniciou em 2002, em parceria com o Instituto de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA) e Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Com duração de 4 anos, divididas em 8 etapas que funciona dentro do Instituto de Educação Josué de Castro (IEJC), em Veranópolis/RS. Neste há educandos (as) que fazem parte dos movimentos sociais da Via Campesina (articulação dos movimentos sociais do campo, movimento indígena e mulheres trabalhadoras) e Movimento dos Trabalhadores desempregados (MTD).

prática social desenvolvida pela pesquisadora nos Movimentos dos Trabalhadores/as Desempregados/as (MTD).

Neste sentido, este estudo busca promover um diálogo entre Movimentos Sociais do Campo e Cidade³. Ele nasce de uma necessidade estudar/pesquisar a formação dos idosos/as dos Movimentos Sociais do Campo Cidade. E, por entender que o processo de formação humana é permanente e acontece ao longo da vida. Assim, este texto pretende discutir o envelhecimento no MST⁴ e MTD⁵. O objetivo é entender que práticas educativas formam os idosos/as do campo cidade.

O método utilizado busca ser coerente com o materialismo histórico dialético. É um estudo de caso de natureza qualitativa. Nas pesquisas realizadas me utilizei da técnica de entrevistas semi - estruturadas, sete na Dissertação e uma no TCC e observações participantes dos sujeitos do MTD. O foco desse trabalho está voltado para uma categoria analítica que é “luta social”. Ressalto que a autora deste texto se propõe a uma postura de pesquisadora participante⁶.

Organizei este trabalho da seguinte forma: Algumas considerações acerca do por que da escolha do sujeito idoso do Campo Cidade e do tema envelhecimento. Em seguida, abordo um pouco das referências que me deram embasamento teórico. Então, apresento a categoria específica “**Luta Social**” e dentre esse aspectos que me chamaram a atenção, fazendo uma breve descrição dos meus dados empíricos confrontando-os com minhas leituras teóricas. Por último, farei algumas considerações sobre o envelhecimento que abrem espaços para novas reflexões e discussões acerca desse tema e sobre as idosas/os do campo cidade.

Porque estudar sujeitos idosos do campo cidade?

³ Toda vez que escrever Movimento social campo e cidade, neste texto, estarei me referindo ao MST e MTD.

⁴ O MST é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Surge no final da década de setenta do século XX um processo de retomada da luta pela terra no Brasil, este é fruto de um conjunto de lutas históricas dos trabalhadores e assim, em 1984 se constitui nacionalmente como um. Movimento Social autônomo, de massa, de caráter popular, sindical e político, que luta por terra, reforma agrária e mudanças na sociedade. (MORISSAWA, 2001, p.153). Para melhor conhecer e aprofundar sua origem e história ver MORISSAWA, Mitsue. A história da luta pela terra e o MST. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

⁵ No final de 1990, nasce o MTD – Movimento dos Trabalhadores Desempregados é um Movimento social urbano de massas que passou a ser referência na luta da classe trabalhadora principalmente para os desempregados/as, organizando os mesmos nas periferias das cidades. É um movimento popular urbano autônomo, de massa, de caráter popular e político, que luta por: Trabalho; Terra; Teto e Educação. Para aprofundar a história e origem ver CAMP (org.). Educação e Trabalho. **Educação popular e movimentos sociais**. Porto Alegre: Agência de Arte, 2007

⁶ Partimos da concepção desenvolvida por MELLO (2005, p. 35) [...] uma prática de investigação que incorpora grupos excluídos às esferas da decisão, produção e comunicação de conhecimento, visando contribuir na transformação da realidade com mudança nas condições de dominação.

A curiosidade pelo envelhecimento iniciou em minha graduação, no período de 2002 a 2005; no entanto, ao me envolver com a pesquisa, descobri que o envelhecimento esteve presente comigo ao longo de minha vida, nas mais diferentes relações sociais que estabeleci. Com isso, fui entendendo e modificando o que eu pensava sobre o envelhecer.

Numa perspectiva histórica, os estudos que realizei até agora sobre os idosos/as e envelhecimento são algo recente no MST. E, no MTD e estiveram muito mais no sentido da observação, pois neste último, meu olho analítico ampliou-se para as mulheres idosas.

Esta questão do envelhecimento no MST e MTD aparecem dentro do contexto que se insere na sociedade atual. Em ambos, a questão surge a partir de uma necessidade concreta que vem se constituindo em nosso meio. Camarano (2002), em seu estudo sobre o Envelhecimento da população brasileira traz esta contribuição demonstrando, a partir de dados demográficos, estas transformações.

O envelhecimento populacional é, hoje, proeminente fenômeno mundial. Isso significa um crescimento mais elevado da população idosa com relação aos demais grupos etários. No caso brasileiro, pode ser exemplificado por aumento da participação da população maior de 60 anos no total da população nacional de 4%, em 1940, para 9%, em 2000. (CAMARANO, 2002, p.58)

Nesta perspectiva, essa pesquisa servirá para a sociedade como um todo, pois praticamente inexistem trabalhos nesta temática, nesta perspectiva da educação/formação de idosos/as nos Movimentos Sociais Campo Cidade. Estudar as relações que estes estabelecem no campo cidade é importante para compreender a totalidade de ser idoso/a, mesmo que segundo as estatísticas o número maior esteja nas cidades.

É interessante estudar isto, justamente para perceber quais são os elementos que agregam/desagregam os idosos/as do campo cidade. E, como o processo de estar num local como os assentamentos do MST ou rururbano⁷, os transforma, os recria, ou simplesmente os conserva com costumes e como transmissores de um conhecimento acumulado.

⁷ É uma das diferentes formas de gerar trabalho, renda e emprego para as famílias do MTD. [...] Intencionava resolver, primeiramente, primeiramente os problemas de auto - sustento para a reprodução digna das famílias. [...] É uma proposta de ação concreta que visa restituir a qualidade de vida e cidadania dos trabalhadores urbanos desempregados. [...] apresenta-se como um projeto inovador, arrojado, de vanguarda, constituindo formas cooperadas de trabalho e produção, que conduzam a justiça social, à dignidade. [...] A concepção do projeto rururbano – rural e urbano, agrícola e não agrícola, moradia em agrovilas, formas coletivas de trabalho, formado por famílias que vem de uma convivência urbana, e por algumas pessoas que continuam com atividades no meio urbano, não obstante haja obrigatoriedade de no mínimo um membro da família que tenha atuação no interior do assentamento – desafia todos na construção e na busca de sustentabilidade de tal projeto. Além disso, essa proposta considera indispensável uma logística mínima em relação ao mercado, que

Com este estudo busquei trazer elementos importantes para abrir um questionamento sobre os idosos/as e a construção dos mesmos como sujeitos sociais no Movimento. O objetivo é analisar estes sujeitos a partir das práticas sociais que são geridas na totalidade destes Movimentos sociais campo cidade. Neste sentido, busquei apreender os aspectos e momentos contraditórios do processo formativo dos idosos pesquisados. Busquei interpretar quais são as contradições presentes nesta realidade, fazendo o exercício de historicizar a realidade.

Movimentos Sociais do campo cidade

“O verdadeiro movimento nunca aparece como o concebiam aqueles que o prepararam”.
Engels, 1857.

Parto de uma abordagem marxista sobre os movimentos sociais. Podemos citar que uma das principais contribuições para pensar movimentos sociais, ou seja, o próprio Karl Marx contribuiu para o desenvolvimento deste conceito. Analisando a luta de classe ao longo da história, Marx apresenta dos elementos fundamentais, no que se refere aos movimentos sociais que é a luta permanente de duas classes por libertação/ opressão (GOHN, 1997).

Neste sentido, Marx defende que existam as mais distintas formas de luta social, sejam greves, sejam lutas sindicais, entre outras. Para ele, estas lutas sociais são formas de impulsionar a luta de classes nas sociedades, que é o principal motor da história.

Compreendo ser importante estudar os movimentos sociais não somente para entender seus sujeitos e sua formação, mas principalmente, compreender seu papel histórico na luta de classes. Para isso, trabalho com a categoria da prática social, dando ênfase para a luta social.

A partir disso fui estudando um conceito que se aproximasse o que estava mais adequado o que venho estudando na realidade, enquanto teoria uma das que sintetizou esta compreensão foi Warren (1989) que trouxe este conceito de movimentos sociais.

[...] Movimentos Sociais como uma ação grupal para a transformação (a práxis) voltada para a realização dos mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorizativos comuns (a ideologia) e sob uma orientação diretiva mais ou menos definida (a organização e sua direção). (1989, p.20)

Quando explico Movimentos Sociais do Campo Cidade apreendo este conceito que vem agregar aspectos que observei na realidade dos Movimentos Sociais.

Enfim, Movimento Social é símbolo de luta social, projeto, objetivo desde a óptica dos trabalhadores, é um espaço de formação de sujeitos coletivos e sociais. Tem como característica a mobilização massiva com participação direta dos interessados, possui identidade coletiva e possui interesses comuns.

Educação nos Movimentos Sociais do campo cidade

Nesta parte do texto, me ancoro na concepção de educação que perpassa os Movimentos Sociais do Campo Cidade, essa parte de um pressuposto de educação como processo de formação humana. Ela tem sua matriz na pedagogia marxista e na educação popular.

A pedagogia marxista tem sua concepção enraizada na omnilateralidade, ou seja, a educação integral, aquela que forja sujeitos históricos e os prepara para a vida.

Esta concepção se enraíza em alguns princípios educativos que são: O trabalho e este é praticamente a base, pois ela nasce desde a discussão do Livro *O Capital* (1998) em Marx, como princípio fundante do humano, e desenvolvido no sentido pedagógico por Moisey Pistrak na Escola Comuna, que se desenvolve com base no trabalho, na auto - organização e na atualidade. Após, o coletivo este mais desenvolvido por Anton Makarenko nas suas experiências das Comunas de Gorki (1920/1928) e Comuna Dzerjinski (1927/ 1935).

Esses princípios serão desenvolvidos e experienciados pelos mais diferentes educadores sociais do mundo no século XX e dentre esses teóricos nasce uma compreensão da construção de uma *Educação Pra além do Capital* (2005), desenvolvida por István Mészáros.

Esta compreensão é o horizonte político pedagógico desse texto uma perspectiva de uma *Educação Para Além do Capital*, no sentido que dialogo com Mészáros (2005), ou seja: A educação é um dos espaços para transformar esta visão de mundo constituída no capital, mas ela, não nascerá nova, ela deve ser gestada dentro do velho modo de produção. Por isso, não podem ser formais nas mudanças, mas essenciais, ou seja, possibilitar o sujeito a aprofundar a leitura de si e de mundo contribuir no desvelamento da sociedade e dos homens sendo o mais concreta possível.

A educação para além do capital deve ser para a vida. Uma educação integral. Que eduque os sujeitos nas suas diferentes dimensões.

Outra referência que fundamenta a educação dos Movimentos sociais do campo cidade é a contribuição da Educação Popular no Brasil se gesta aproximadamente a partir de 1950, aqui representada nas teorias de Paulo Freire (1921/1997).

Para ele toda educação é um ato de político, é uma forma de intervenção no mundo. Vai dizer que somos seres com a vocação ontológica de ser mais. Trabalhará que a história é feita pelos homens, que nada é determinado. A história é possibilidade e que somos frutos dessa história, ou seja, somos sujeitos históricos. Seu objetivo é formar sujeitos históricos para a transformação social.

As contribuições de Freire foram integradas a proposta de educação dos Movimentos, será uma das “fontes” onde o MST e MTD “bebem” para embasar suas concepções. Isto é observável na prática educativa que o MST desenvolve.

Entender essa conceituação de educação é fundamental para poder discutir sobre o MST e MTD. Portanto, o princípio orientador da prática tem se voltado para a educação popular. Esta é entendida como: [...] um instrumento de contribuição imediata a uma efetiva participação popular em processos de transformação da sociedade classista e opressora [...]. (BARREIRO, 1980, p. 28). Portanto,

É uma prática que se dá, necessariamente, junto às classes subordinadas. Ela tem uma meta: a transformação. Trata-se da transformação das condições materiais e das condições simbólicas ou subjetivas que produzem e reproduzem, cotidianamente, as relações de subordinação entre as classes que concentram o capital econômico e político e as classes que são destituídas desses capitais. [...] (CAMP, 2007, p.13).

Constituindo-se como:

Um processo educativo que se vincula de forma estreita à ação organizada das camadas populares, visando contribuir para a construção de uma sociedade em e de acordo com os seus interesses. Ela é, portanto, um processo criativo, sistemático e intencional. (PALUDO, 2001, p.100).

Partindo disso acima, não é o Movimento Social que educa, mas o próprio movimento que o Movimento Social propicia que educa. Logo, é uma matriz formadora, a qual contribui para a educação /emancipação dos sujeitos que dele fazem parte.

Envelhecimento

Dessa forma, o envelhecimento é uma fase tão importante quanto qualquer outra, devendo ser vivida bem e tão intensa quanto às demais. Assim como as demais trazem aprendizados para todas as fases de vida, aquela é o resultado de um acúmulo de experiências, que deve servir como fonte de conhecimento para si mesmo e para os outros. Neste sentido os sujeitos devem ser valorizados, respeitados, pois, representam a nossa cultura, a nossa história, enfim a nossa raiz.

Além disso, é relevante destacar, conforme Barros (1998, p. 228), que o envelhecimento.

[...] não é um processo homogêneo [...], mesmo em cada indivíduo. Há sempre partes, órgãos ou funções do corpo que se mantém muito mais 'jovens', 'conservados', sadios, do que os outros. [...] do mesmo modo que no terreno dos sentimentos e das representações, velhice nunca é um fato total. Ninguém se sente velho em todas as situações. (...) a velhice é uma identidade permanente e constante.

Concluí que: "Envelhecimento deve ser compreendido como um período integrado a toda a existência vivida, na qual a velhice recebe diferentes significados em relação à vida inteira das pessoas" (MINAYO, 2002, p.184).

Percebi que não existem muitos materiais sobre envelhecimento no campo, em um texto que li, o assunto aparece assim:

Constata-se que, apesar do avanço tecnológico, ainda em muitas regiões os velhos são os transmissores de conhecimento, que estão passando através dos tempos, de geração a geração, em relação à saúde, alimentação, trabalho, habitação, hábitos de lazer (canto, música, dança e jogos) num verdadeiro processo de ensino-aprendizagem. Além disso, mantém hábitos, costumes, religião de seus antepassados. (SCHON, 2000, p.166)

Por isso, as minhas principais leituras sobre o tema foram referentes aos idosos/as urbanos/as, pois não quase inexitem escritos sobre idosos do campo. Então me utilizei do produzido para fazer uma ligação com idosos do campo, pois algumas das situações que se reproduzem são as mesmas no meio urbano e rural.

Neste processo de construção histórica, cultural e social, se percebe que os idosos constituem alguns elementos fundamentais para a perpetuação da humanidade, que vai principalmente desde sua memória até, por que não, a própria identidade do povo.

Logo, o interesse pelo tema fez com que eu desconstruísse esta visão, e trouxesse isto para ser discutido e problematizado dentro dos Movimentos Sociais, em específico o MST e MTD. Proporcionando assim, um número maior de sujeitos a debater e discutir este tema e

sua importância na atualidade. Defendo e acredito neste estudo referente aos idosos, pois aos estudá-los estaremos, em última análise, compreendendo a nós mesmos e a certas relações e ações de nossa sociedade.

Os Idosos/as no Movimento Campo Cidade

“Caminante no hay camino, se hace camino al andar”⁸

Para dar conta desse estudo me organizei assim: reli todos os trabalhos que já produzi acerca da temática: ***Envelhecimento e Movimentos Sociais do Campo***. Depois, retomei algumas leituras teóricas, pois a realidade se movimenta e assim consequentemente os seres sociais que dela fazem parte.

Para embasar este texto enquanto método orientei-me pelo materialismo histórico dialético e na parte metodológica utilizei-me da história oral, realizando entrevistas semi-estruturadas. Trabalhei também com alguns procedimentos da pesquisa participante como a observação registrando no caderno de campo, ou seja, anotações de fatos que ficaram fora das entrevistas, estas últimas de vários momentos de minha prática sócio educativa no MTD.

O objetivo foi apreender e entender a partir das práticas sociais que são geridas na totalidade dos dois Movimentos, MST e MTD, que práticas formam os sujeitos idosos/as. Após, fiz a organização e interpretação das informações da pesquisa de campo. Por fim, busco o exercício de sistematizar neste artigo as interpretações e análise que produzi.

As pesquisas se realizaram: No TCC em Capela de Santana região metropolitana de Porto Alegre/RS, no assentamento de Capela de Santana, neste fiz um estudo de caso e estudei a história de vida de uma militante/dirigente idosa do MST.

E, em Pontão e Sarandi região norte do Rio Grande do Sul, na antiga Fazenda Annoni que está organizada hoje em sete assentamentos. Realizei o trabalho de pesquisa no assentamento Vinte Nove de Outubro e Novo Sarandi. Pesquisei sete idosos/as, quatro homens e três mulheres do Movimento Sem Terra, homens e mulheres da classe trabalhadora, com a idade entre 55 anos e 67 anos. Para poder atender a questão central, tive que trazer para esta faixa etária, pois assim consigo atingir os meus objetivos.

⁸ Caminante, son tus huellas el camino y nada más; Caminante, no hay camino, se hace camino al andar. Al andar se hace el camino, y al volver la vista atrás se ve la senda que nunca se ha de volver a pisar. Caminante no hay camino sino estelas en la mar. (MACHADO, António. António Machado. Disponível em: <http://ocanto.esensiveu.net/destaque/machado.htm>. Acesso em 19 de set. de 2012.)

E, no MTD, basicamente foram observações participantes, as quais neste caso tem um objetivo de fazer um diálogo com a realidade do campo, pois no que diz respeito a envelhecimento dos trabalhadores as realidades dialogam quando falamos em capitalismo mundializado⁹.

Idosos/as em movimento no Movimento

Uma nova realidade começa chamar a atenção. O surgimento de um número cada vez maior de sujeitos idosos delinea um novo cenário. Essa realidade não é só no campo ou na cidade, mas na população brasileira em geral. Segundo dados do IBGE de 2006, 10,2% da população brasileira têm 60 anos ou mais, o que significa, em cada 10 pessoas, uma é idosa. No total, encontramos hoje no Brasil mais de 19 milhões de pessoas idosas (IBGE, PNAD 2006).

Há uma mudança social no que se refere a envelhecimento populacional no Brasil. A pesquisa no MST desvelou isso, ou seja, se percebe também naqueles/as que iniciaram a luta com quarenta anos ou mais, e hoje estão se tornando idosos/as. Homens e mulheres que construíram a história do MST, que constituem este Movimento conhecido internacionalmente.

E no MTD, cada dia mais idosos/as se insere no Movimento, inicialmente por que veem no MTD uma possibilidade de poder reivindicar direitos. O processo de organização do MTD possibilita inserir este sujeito no trabalho, que é a principal bandeira de luta desta organização.

Observa-se que com o passar dos anos, a participação nas diferentes lutas sociais dos idosos/as se modifica, ou seja, os idosos/as passam a limitar seu espaço de atuação dentro dos assentamentos e na periferia urbana, o número de sujeitos que assumem a “linha de frente” na luta social é cada vez menor. Assim, é interessante saber no que estes sujeitos idosos/as atuam e como é a sua inserção hoje na luta social.

O objetivo dessas é em primeiramente lutar para de mudar o estado das coisas, de fazer um enfrentamento a todas as formas de opressão, ou seja, colocar os sujeitos Sem Terra em movimento, enfim, a dimensão político pedagógica da luta social, como afirma Caldart (2000).

⁹ [...] Essa categoria é mais elaborada. Procura dar conta de um duplo fenômeno (globalização e neoliberalismo) com um viés fortemente crítico, associando-a à expansão de um certo tipo de capitalismo (financeirizado), a um tipo de política e de ideologia (neoliberal) sem eliminar as características do imperialismo. François Chesnais (1996) o principal autor crítico que introduziu essa noção. (FONTES, 2010, p.154)

[...] Tudo se conquista com luta e a luta educa as pessoas. [...] Por isto, manter os sem – terra em estado de luta permanente é uma estratégia pedagógica mais contundente produzidas no Movimento. [...] mas talvez o principal seja entender como esta grande luta se traduz nas pequenas coisas, quer dizer, em cada ação cotidiana esta a marca da atitude de pressionar as circunstâncias para que elas sejam diferentes do que são. (CALDART, 2000, p.209)

Essa é uma das questões centrais nos Movimentos sociais não deixar os sujeitos que o constituem entrarem em processo de acomodação, pois ambos, MST e MTD sabem que é a partir da participação na luta social que as pessoas vão se constituindo sujeitos e formando consciência de seu papel histórico.

No diálogo com os sujeitos da pesquisa do MTS quando os instiguei sobre a participação na luta, estes disseram:

[...] Não dá também [...] quando nois era acampado nos não tinha nada, não tinha uma vaca, um porco, não tinha uma galinha. Tu não tinha nada. Hoje, tem a tua terra, os bichado de cuida, os filho vão cada um pro um rumo nê trabalha. [...] Resto dois, começo dois e resto dois, começo dois e termina com dois. É difícil nas lutas, tu i na luta, por que se tu saí como é sozinho ainda meio descaderado vai fazer tudo o trabalhos, um faz por um. É difícil, outro dia tinha a caminhada que fizemo última ali pra Coqueiro, mas é difícil. [...] Não sei a quantia, dá para dizer de tantas lutas que participei, inúmeras vezes, de assentada fui só eu, de acampada nois dois [...]. (Joana – 58 -MST)

[...] Sempre que pude ir eu não deixei de ir [...] a saúde já não é mais a mesma. Se tivesse saúde [...] Valeu a pena lutar Essa questão da luta eu não abriria mão, não só na questão da terra como outras. A terra é pra todo mundo não só para alguns poucos e outros nada. [...] Hoje tá mais difícil. [...] Aqui nois temo mais pra si as coisas, sei lá o pessoal acha difícil, sei lá, minha cabeça já não funciona mais. Nem todas as famílias pensam a mesma coisa. [...] não tenho mais saúde, tenho problema de saúde, tenho varizes, tenho umas horas da tarde que não güento. Eu tava dizendo, quando pude ir eu ia (Marcos -67 anos)

Estes pronunciamentos demonstram que a participação na luta na perspectiva clássica dos Movimentos sociais está diminuindo com o avanço da idade. Isso poderia ser tanto por conta dos sujeitos, que não se percebem mais em condições de participar ativamente. Mas a diminuição poderia ser também porque os idosos não encontrem mais espaços adequados para eles dentro do próprio Movimento para participar na luta.

Aqui, destacando os sujeitos do MST, pois na periferia urbana, pelo que observo isso tende a mudar pelo próprio movimento da sociedade, já que o envelhecimento populacional atinge todas as camadas sociais, os idosos/as dia – dia se inserem na luta social.

Trabalhando a questão biológica do envelhecimento percebi que o corpo humano sofre uma série de modificações com o passar dos anos e é preciso uma série de precauções com a saúde. Isso tem certamente um peso na participação de idosos/as nas lutas. São cuidados que com o avanço da idade precisam ser levados em conta, principalmente sobre certas atividades realizadas pelo MST/MTD, que podem representar para as pessoas idosas risco ou perigo.

O segundo ponto presente nas falas dos idosos/as diz respeito ao posicionamento que o próprio MST assume a respeito dos seus membros mais velhos e que reflete aspectos da forma como as sociedades atuais tratam muitas vezes seus idosos, sugerindo certo “desengajamento” por parte do idoso (DEBERT,2004). Assim, se propõe ao idoso/a de descansar, diminuir o ritmo, acalmar-se e, principalmente, afastar-se da vida profissional.

De forma parecida, dentro do MST, a tarefa de ir para a luta ou estar nas lutas é vista geralmente como uma tarefa/ atividade para os jovens, enquanto os idosos/as chegam a afirmar que “*nós já fizemos a nossa parte*”. Em algumas situações presenciei esta mesma ideia vinda dos próprios integrantes da organização. Interpretando esta visão presente na sociedade ocidental, ela pode ser analisada a partir da teoria chamada “Teoria da Modernização” [...]“*A ideia central da Teoria da Modernização é que, nos países industrializados, aos idosos são reservados papéis de menos – valia e de menos status.*” (VIDAL, 2005, p.23).

Na minha análise, isso se dá por dois motivos: Um diz respeito às condições objetivas, que é a mobilização geral dos sujeitos e não de sujeitos específicos; outro é que ainda não se consolidou o significado de uma participação de idosos/as dentro da organização. Para muitos integrantes permanece a visão da sociedade moderna do senso comum que são os jovens que tem força, que tem maior mobilidade, por isso, se fomenta e incentiva esta participação ativa dos jovens. Essa visão traz uma consequência problemática, pois se não queremos a acomodação dos sujeitos idosos/as, estamos criando uma contradição.

Esta questão é uma construção a ser feita, que envolve os sujeitos idosos/as que o compõe. Assim, como num certo período histórico as organizações se debruçaram sobre o estudo da infância, há pouca a juventude, em breve, terá que ser a velhice pela própria realidade objetiva que se insere no MST/MTD.

A luta forma sujeitos pelo processo experienciado. Como afirma Caldart (2000, p.9). A partir das colocações acima e desta citação, podemos fazer uma análise dos idosos/as e a luta, se é a luta que forma, se é estar em movimento, em ação, então como isso está acontecendo na formação dos idosos/as do MST/MTD? Esta ideia traz uma provocação que parece muito pertinente: se os Movimentos não intencionarem a participação dos idosos/as na

luta, a sociedade capitalista conduz o idoso/a ao imobilismo, e é assim que se constituíram todas as formas de acomodação que o MST/MTD combate. Portanto, como quebrar este processo que já está em curso e construir um movimento inverso a esta visão acima?

Também, é necessário discutir sobre o que significa um idosos/a participar da luta social dentro de um Movimento como o MST/MTD. O que isto provoca se olharmos para a formação humana deste idoso/a, que diferenças isso traz. Abrem-se aqui espaços interessantes e importantes, pois a perspectiva de educação do MST/MTD é algo que transforma o sujeito, mexe em sua existência.

Por isso, compreendo que a luta social é uma das coisas centrais se queremos trabalhar a formação humana dos idosos/as do Movimento Social do campo cidade. E se os idosos/as têm dificuldade de participar, temos que começar a pensar em novas formas de lutas que continuem fazendo estes exercerem a contestação, enfrentamento e se enxerguem dentro do processo de luta.

É importante destacar que em meus estudos constatei que ao entrarem na luta eles passaram a se ver como trabalhadores/as, e principalmente, como sujeitos capazes de se organizar e lutar primeiro por suas necessidades e após para mudar a ordem/estado das coisas.

Com isso, enfim abaixo não encerro a pesquisa/estudo apenas o texto com algumas questões que considere preponderantes. O mesmo segue como segue nosso processo de formação e de inconclusão/inacabamento.

Considerações Finais

Não encerrarei este trabalho, pois o finalizo com dúvidas e questões não respondidas, mas isso não me deixa insatisfeita. Ao contrário, me instiga a estudar e aprofundar mais esta temática do envelhecimento dos sujeitos idosos/as do MST e MTD. Aponta que isso é consequência da pesquisa, este é o próprio movimento formativo que ela produz no ser humano.

Assim apontarei algumas considerações e contribuições sobre o tema abordado, não conclusões, já que a realidade é movimento.

Constatações

As constatações que obtive ao longo desse processo de estudo e pesquisa no MST e MTD são:

A falta de estudos sobre o processo de formação/ educação dos idosos do campo cidade dos Movimentos Sociais. Um público importante de ser estudado na atualidade. Durante a pesquisa tive dificuldade neste sentido, as poucas pesquisas que encontrei estavam voltadas para as ciências sociais, sobre o processo educativo não encontrei nenhum material no que se refere aos idosos/as do MST e MTD, a não serem os textos e trabalhos produzidos pelos próprios estudantes dos Movimentos Sociais do campo cidade. Assim mesmo, quase inexistem trabalhos, textos, debates, discussões acerca dessa temática.

Os idosos/as estão quase que esquecidos, não tem uma função social, não se tem nada de formativo direcionado à eles nos assentamentos e na periferia urbana. O que há são grupos de convivência ligados a prefeitura municipal, mas com o objetivo somente de lazer e alguma atividade mais relacionada à saúde. Porém, algo realizado com conteúdo político ideológico dos Movimentos Sociais, Em alguns momentos parece que estes estão fora do processo político da organização.

Observei um desprezo ao potencial produtivo e organizativo dos idosos/as. Isso revela uma visão muito economicista e utilitarista do ser humano. O que quero dizer com essa constatação? Os Movimentos Sociais não se distinguem da sociedade atual, em seu meio, em relação ao trato dos idosos/as, reproduzem-se as mesmas relações da sociedade atual, ou seja, há uma contradição, pois há um discurso que o ser humano é central nas organizações.

No entanto, nesta especificidade que tange ao envelhecimento e a idosos/as do campo e cidade é como se eles não fossem sujeitos de transformação e isso se esteve presente nos diferentes momentos de estudo e pesquisa.

Na verdade os diferentes sujeitos idosos/as que pesquisei carregam consigo inúmeras potencialidades. Porém, o MST e nem o MTD não consegue canalizar isso para fazer avançar a luta dos trabalhadores. Essas potencialidades vão, desde a experiência acumulada de diferentes momentos vividos na luta de classe, até entender as questões subjetivas e objetivas que perpassam o processo de envelhecer para uma organização como o MST e MTD que também envelhece. A meu ver, seria importante agregar esses processos de envelhecer vivido pelo sujeito que o constitui e o processo que a organização vive ao envelhecer, entendendo a dialética de ambos os processos.

E assim permanecem algumas questões que são: como inserir estes idosos/as nos espaços de participação? Como instiga-los a participar da luta? Ou, como olhar e valorizar

essa luta que os idosos/as travam nos espaços que estão, por exemplo, preservando as sementes, as espécies?

Quando falamos em papel do idoso/a não deveríamos pensar nisto, de forma exclusiva, pois cuidar, proteger, manter vivas as informações, não é tarefa somente dos idosos/as, mas de todos. Porém, os idosos possuem esta especificidade a partir da sua experiência de vida.

Contribuições

A primeira contribuição foi com a sociedade e com a classe trabalhadora, pois serve para desvelar o papel e a importância de estudar a formação dos sujeitos idosos/as do MST e MTD.

Segundo, a sensibilização e problematização da temática idoso e envelhecimento no MST e MTD. Mesmo que o conjunto desses Movimentos não tenham ainda essa consciência coletiva ou esta compreensão. Por enquanto, isso ainda não acontece nas instâncias deliberativas, mas em espaços informais.

Com isso, abrem-se alguns questionamentos feitos pelos dirigentes e que considero relevante colocar aqui: como o esses Movimentos do campo e cidade se organizam para o envelhecimento de seus sujeitos? Como estes movimentos do campo cidade pensam a continuidade? Quais são os espaços de socialização que os idosos/as têm hoje? Uma discussão que começa a aparecer lentamente, mas logo, ganhará força pela relevância que esta temática vem produzindo na atualidade.

Este foi o sentido deste estudo, aprofundar as práticas sociais e sua importância na educação/formação humana, e, como via de consequência, aprofundar as histórias de vida e a relação na construção do MST e MTD. Com isso, torna-se possível compreender a relação dialética entre as diferentes trajetórias individuais e a história do MST e MTD.

Por fim, mostrar a importância da memória social que estes idosos/as produzem para o conjunto de uma organização como o MST e MTD. Neste sentido os valorizando e valorizando a própria história da organização.

Referências

BARREIRO, Júlio. **Educação Popular e Conscientização**. Petrópolis: Vozes, 1980.

BARROS, Miriam Moraes Lins de (org.) **Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. 1 ed, editora, Rio de Janeiro: FGV, 1998.

CALDART, Roseli Salete. **Escola Pedagogia do Movimento Sem Terra: É Mais que Escola**. Editora Vozes. Petrópolis: Vozes, 2000.

CAMARANO, Ana Amélia. Envelhecimento da População Brasileira: uma contribuição demográfica. IN: FREITAS, Elizabete Viana de, et al (org). Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002 p.58 – 71.

CAMP (org.). Educação e Trabalho. **Educação popular e movimentos sociais**. Porto Alegre: Agência de Arte, 2007

FONTES, Virginia. **O Brasil e o Capital Imperialismo**. 2ª ed. Rio de Janeiro:EPSJV/editora UFRJ, 2010

DEBERT, Guita Grin. **A Construção e a Reconstrução da velhice**: Família, Classe Social e Etnia. IN: NERI, Anita Liberalesso, DEBERT, Guita Grin (Org.). **Velhice e Sociedade**. Coleção vivacidade, Campinas: Papirus, 1999. P, 41-68.

_____. **Gênero e Envelhecimento**. Estudos Feministas. n° 3, Porto Alegre, 1994. p. 33-51. V. 2

GOHN, Maria da glória. **Teorias dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

GUTERRES, Ivani (ORG.) **A Formação do MTD** (Movimento dos Trabalhadores Desempregados) no Rio Grande do Sul e o primeiro assentamento rururbano IN: **Agroecologia Militante contribuições de Enio Guterres**. 1º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

MACHADO, António. António Machado. Disponível em: <http://ocanto.esenvisau.net/destaque/machado.htm>. Acesso em 19 de set. de 2012.

MARX, Karl. **O Capital. Crítica a economia política**. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. l. 1, v. 1.

MELLO, Marcos. **Pesquisa participante e educação popular**: da intenção ao gesto. Porto Alegre: Diálogo-IPPOA, 2005.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, JR Coimbra, Carlos E. (orgs.). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

PALUDO, Conceição. **Educação popular em busca de alternativas**: Uma leitura desde o campo Democrático e popular. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

PNDA.2006.<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2006/brasilpnad2006.pdf> acesso em 20 de abr. de 2008

SILVA, Katiane M.da. (et al.) Envelhecimento: Conhecendo a vida de homens e mulheres do campo. IN: CALDART, Roseli Salete; PALUDO, Conceição (Org.). **Como se formam e se educam os sujeitos do campo? Idosos, Adultos, Jovens, crianças e educadores**. Brasília: PRONERA, 2006.

_____. Maria, Maria: Uma lutadora do Povo. IN: WOORTMANN, Ellen F.; LOPES, Adriana L. (Orgs.). **Margarida Alves II Coletânea sobre Estudos Rurais e Gênero**. Brasília: MDA, 2007

_____. **A Vida de uma Lutadora: o Enraizamento da Experiência da Sem Terra Maria Siqueira**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Veranópolis, 2004.

SCHON, Carmine Regina e PARMA, Lúcia Saccomori. *Conversando com Nara Rodrigues sobre Gerontologia Social*. IN: Algumas considerações sobre o envelhecimento no meio rural na região sul do Brasil. Editora, UPF, Passo Fundo, 2000.

VITAL, Dandra Susigan. **Afetividade e Prática docente com idosos**. São Paulo: Setembro, 2005.

WARREN, Ilse Scherer. **Movimentos Sociais: Um ensaio de interpretação sociológica**. 3ª edição revisada. Florianópolis: editora da UFSC, 1989.

WARREN, Ilse Scherer & KRISCHHKE, Paulo J. Movimentos Sociais: algumas discussões conceituais In: WARREN, Ilse Scherer . **Uma Revolução no Cotidiano? Os Novos Movimentos Sociais na América do Sul**. Brasilense: São Paulo, 1987.